

JOAQUIM DE ARAUJO

No. 8. 12
12223

O RETRATO

DE

Col. 12

D. MARIA DE PORTUGAL

FILHA DO INFANTE D. DUARTE



LIVORNO

TYPOGRAPHIA DE RAPHAËL GIUSTI

1899

~~42~~
37620





Maria de Portugal.

*As illustrações bibliographicas e as suas fontes Avanca
lembranças do
Meu am. e am.º*

JOAQUIM DE ARAUJO Junho, 99.

J. de Araujo

H. 8-
12/2/98

O RETRATO

DE

D. MARIA DE PORTUGAL



FILHA DO INFANTE D. DUARTE



LIVORNO

TYPOGRAPHIA DE RAPHAËL GIUSTI

1899

I⁽¹⁾

São bem conhecidas as rumorosas festas de Lisboa e da Flandres, em honra e louvor do casamento da illustre filha do Infante D. Duarte, ⁽²⁾ com o príncipe Alexandre Farnesio, o intrepido cabo de guerra, vencedor em cem combates, e cuja gloria se contaria entre as primeiros do seu tempo, se acaso não tivesse a maculal-a indelevelmente a sua cooperação, directa ou indirecta, no sombrio assassinio de Guilherme-o-Taciturno. A condessa de Agoult, eternisada nos livros admiraveis de *Daniel Stern*, toma os prologomenos da sua *Histoire des commencements de la République aux Pays Bas* em periodo immediatamente chegado a esse casamento; mas é ponto admittido que os torneios de então foram uma das proximas causas da emancipação das Provincias Unidas, reunindo em pratica de magna assembleia os dispersos chefes do futuro movimento libertador.

(1) Ao revermos as provas deste escripto depara-se-nos a copiosa biographia *Maria di Portogallo, moglie di Alessandro Farnese*, do Sr. Giuseppe Nasali-Rocca, impressa (pag. 7 a 38) no vol. XVII (1891) da *Strenna Piacentina*. O Sr. P. Peragallo, nosso querido amigo e erudito escriptor, apenas lhe communicamos a breve e incompleta nota desse trabalho, fel-o procurar em Piacenza, e com a cortezia que lhe é habitual, offereceu-nos o tomo da *Strenna*. Aqui lhe patenteamos o nosso agradecimento. A leitura do compendio, tão completo, do Sr. Rocca não altera em coisa alguma o texto, de quem apenas se propoz communicar a alguns compatriotas estudiosos a existencia do retrato de D. Maria de Portugal.

(2) Nascera em Lisboa aos 8 de dezembro de 1538. Irman mais velha de D. Catherina de Bragança, duquesa deste titulo, pelo casamento com seu primo D. João.

Da existencia da hieratica portuguesa, que, precocemente morta não chegou a cingir a coroa ducal de Parma, resam estimadas chronicas; a sua educação fora dos mais cuidadas, abrangendo as linguas classicas e as sciencias exactas. Conta-se mesmo que compozera livros de religião, com o claro intendimento e subtileza, que caracterisavam o espirito feminino da corte, em que a cultura literaria florescia num adoravel circulo de eruditas. Escrevendo o tomo das *Glorias de la casa Farnése*, D. Luis Salazar e Castro (Madrid, 1716) caracteriza esse meio como « domicilio de las musas y escuela de las virtudes y de la honestidad »; e da princesa diz que « su perfecta hermosura la hizo tener per una das brillantes beldades de su tiempo ». A distancia de annos, a que o panigirista tracejava seus assertos, seria sufficiente para que lhe não attribuissemos taxa de lisonja; as linhas da suave phisiognomia, que a nossa estampa reproduz, não constituem todavia um tipo supremo e caracteristico de belleza.

O casamento da princesa Maria ficou celebre, menos pelos Jogos de Cannas realisados em Lisboa, com a concorrência dos Epitalmios ferventes de Antonio Ferreira, Pedro d'Andrade Caminha e Diogo de Teive, e tendo por futuro historiador-chronista Barbosa Machado, nas *Memorias de D. Sebastião*, do que pelas *kermesses*, verdadeiramente extraordinarias, com que D. Margarida d'Austria celebrou na Hollanda a chegada e o consorcio de sua nora, festas cujo esplendor o sobrio duque Farnesio desaprovava descontente. De Marchi fez dellas uma curiosa *Relatione*, de que Annibal Fernandes Thomás deu transumpto portuguez, senão completo, ao menos em suas partes mais interessantes, num dos bem elaborados tomos das, infelizmente pouco lidas, *Cartas Bibliographicas*.⁽¹⁾ Essa narração completa-se ou antes annota-se preciosamente com o *Cento de lettere* do famoso bolonhês, impressas em 1854 (Parma), num tomo hoje raro, com a *Narration faite au cardinal Granvelle par son cousin germain Pierre Bordey*

(1) Pinheiro Chagas, *Migalhas de historia patria*, e o Sr. Dr. Sousa Viterbo, *Damião de Goes e D. Antonio Pinheiro*, attribuiram a qualidade de embaixador ao conde de Mansfelt, que, com sua esposa e filho, expressamente fôra a Lisboa, para acompanhar e dirigir a viagem da filha do Infante D. Duarte. Mansfelt foi, tão só, commandante da armada que conduziu a Princesa.

(Bruxelles, 1888) publicada por Auguste Castan ⁽¹⁾ e com as referências de centenas de tomos como a *Histoire* [anonima] de *Alexandre Farnèse*, impressa em Amsterdam, 1692, por Antoine Michelis. A *Narration* de Bordey é dos mais pitorescos e humorísticos relatos, cheio de viveza e colorido, sem reservas, nem reticências; o sagás informador, num supino descaro de Lazarillo de Tormes, entra pelo quarto nupcial de Alexandre e de Maria, a desvendar o seu primeiro encontro íntimo, com toques picantes de Boccaccio...

Não é intuito nosso historiar da vida da Princesa, vida admirável de lição e exemplo, nas linhas destes brevissimos paragrafos. Subsídios e bem abundantes para a sua biographia se nos deparariam, por seguro, em R. Pico, Sebastião de Moraes, Scipione Bandinelli, Papirio Picedi, Andrea Avellino, Camillo Platoni, Ruinagia, etc. O leitor curioso encontra de prompto estes nomes no util e proveitoso *Ensaio de Dictionario Bibliographico, Portugal e Italia*, de Antonio de Faria, e á beira delles as indicações para completa orientação. De um opusculo, porém, que Faria não logrou inquerir apontaremos a cedula bibliographica, mostrando uma parte da importancia do seu conteudo. Folheto in-8º, 19 pag. apresenta o seguinte rotulo:

Emilio Costa. *Le nozze di Alessandro Farnesio.* Parma, Casa editrice Libr. Luigi Battei, 1887.

Foi impresso em motivo do casamento do *professore* Rodolfo Renier com a *signorina* Amalia Campostrini, e nelle se acham exaradas as combinações preliminares dos esponsaes farnesios, no tocante ao dote que a Princesa deveria trazer de Portugal. O duque Ottavio, pae de Alexandre éra, ao que se deduz, muito positivo e pratico: lia pela mesma cartilha de D. João III, quando pretendeu alliançar o Infante D. Duarte á casa de Bragança. O livrinho do Sr. E. Costa, cheio de interessantes citações de documentos, é digno companheiro para a douta monographia de

(1) Morto a 28 de junho de 1892, segundo nota de sua illustre viuva, ao offerecer-nos um exemplar deste precioso volume. Pinheiro Chagas, no livro cit. traceja um minucioso commentario das cartas de Pierre Bordey.

Fernando Palha sobre o casamento de D. Duarte com D. Isabel de Bragança, exactamente os pais da noiva da príncipe Alexandre. A lentidão de Filippe II, « le pretese eccessive della famiglia della Sposa e la grande avarizia di Ottavio » foram as tres causas da demorada gestação das negociações ante-esponsalicias. Uma repetição das paginas do malgrado autor da *Carta de Marca de João Anjo*, com ligeira variante: que não é de Villa Viçosa, senão de Parma, o paço ducal em que o dote dos noivos se debate.

II

Trouxemos á baila, simples curiosidade, acaso util a algum amator de velhas memorias, as linhas que precedem. O nosso scopo visa, porém, a consignações differentes, pois que tão só tratamos a divulgação de um retrato autentico da Princesa Maria, de quem especialistas como Barbosa Machado e Innocencio da Silva não conseguiram descobrir a *vera effigie*. É copia de uma medalha farnesiana da serie de Alexandre III, cunhada em 1566, com a legenda: MARIA DI PORTOGALLO P. ET P. PRIN., e pertence á interessante monographia do Sr. prof. E. Casa, *La cittadella di Parma*, abundantemente illustrada, e fazendo corpo nas valiosas dissertações da *Deputazione di Storia Patria per le Provincie Parmensi*. Verdadeiro perfil de grande linha aristocratica, sereno e energico, dessa energia varonil, com que a duquesa D. Catherina de Bragança pleiteava os seus direitos, diante da cachexia do Cardeal-Rei.

Outros retratos, além deste, existem ainda, da Princesa. Na Pinacoteca de Parma avultam dois: um, autor ignorado, embora accentuadamente flamengo, reproduz a tela que outrora se encontrava no Palacio do Jardim da cidade ducal; outro, atribuido a Francisco Pourbus-senior, e, senão deste pintor, ao menos de um dos seus discipulos, com muitos probabilidades tambem autor do retrato de Alexandre, que lhe faz *pendant*. Estas duas pinturas foram executados na Belgica entre 1575 e 1580, e não se nos depara noticia de que ainda alguém as reproduzisse. Aqui ficam apontadas, em graça de quem se resolva a meter hombros á elaboração de uma obra, que desde muito nos fallece: o inventario

noticioso, quanto ser possa, das obras de arte referentes a Portugal e a portuguezes, e dispersas nos museus e galerias de quasi todos os paises da Europa, não deixando em esquecimento as que, à data do regresso de D. João VI aos estados da metropole, ficaram esquecidas ou abandonadas no Brasil.

E, pois que abordamos tal assumpto, uma observação ainda, antes de concluir. O *Ensaio Bibliographico*, acima citado, dá curta mas proveitosa ementa dos retratos portuguezes, existentes na riquissima *Galleria degli Uffizi* de Florença; além desses, ali descobrimos, numa rapidissima visita, os de Gil Vaz Lobo, conde de S. Lourenço, conde de Villar Maior e Pedro Jacques de Magalhães, copias por certo, algumas de valor mui resumido, mas que se devem integrar na lista de Antonio de Faria, expungindo della o nome da condessa de Castro, aliás representativo de um radiante quadro. Essa elegante dama éra de origem castelhana e esposa de D. Francisco de Castro, conde daquelle titulo, embaixador de Philippe III em Roma, e muito admirado por Damião da Fonseca, de quem recebeu em dedicatória o conhecido tomo dos *Mourescos de Hispanha*.⁽¹⁾ A Condessa — um encanto de formosura primaveral, — gosava de subida influencia no animo do Cardeal Farnesio, filho de Alexandre e de Maria, e Mecenas do jesuita Luis Manzoni, que verteu a italiano a *Vida de S. Francisco Xavier* do nosso vernaculo Lucena.

Genova, setembro, 1898.

(¹) Chamava-se Dona Lucrecia Gatnaria y de Liñan; Damião da Fonseca dedicou-lhe a *Relacion de lo que passò en la expulsion de los moriscos dal reyno de Valencia* (Roma, 1612), rara especie, que compendia uma parte da obra consagrada ao Conde. Innocencio, levado de informação erronea, recebida de Hispanha, considerava a *Relacion* como trabalho differente. (*Dicc.* vol. IX, verb. *Damião da Fonseca*). Aqui denunciemos o lapso ao seu illustrado e respeitavel continuador, o nosso excellente amigo Brito Aranha.

